**NOME: MONS. RAIMUNDO ANTONIO**

**SOBRENOME: DA SILVA (MONS. GABRIEL)**

**DISCIPLINA: UNÇÃO E PENITÊNCIA 8º SEMESTRE**

Aula: dia 01 de setembro de 2020

**TEMA: ENFERMIDADE E CURA NO ANTIGO E NOVO TESTAMENTO; ENFERMIDADES E CURAS, SINAIS DO REINO NO MINISTÉRIO DE CRISTO.**

I. Autor: BOROBIO, Dionisio et al. **A celebração na Igreja 2**. Sacramentos. São Paulo: Edições Loyola, 1993. p. 562-574.

**Entendimento do texto:**

A Igreja não é normativa para si mesma, mas está sempre sujeita à normatividade do Evangelho. É necessária uma permanente confrontação entre a Igreja mesma e a PALAVRA DE DEUS, entre seu ideal e suas realizações, entre o seu sentido e a vital realização. A Palavra de Deus se manifesta em Cristo, que é a plenitude da revelação, por ser Ele o Evangelho de Deus, o Evangelho da graça, a boa nova do Reino que salva o homem todo e todos os homens.

1. **Enfermidade e cura no Antigo Testamento**

A compreensão da unção deve ser buscada na relação doença-cura. O Antigo Testamente já falava desta realidade com sua linguagem própria que reflete o seu contexto do mundo cultural do Oriente Antigo, onde a união da doença com as forças do mal e com o pecado e, portanto, os exorcismos e ritos mágicos de cura, era algo muito comum. Estas concepções criaram uma mentalidade que refletiam os momentos em que foram escritos e que são percebidos no Novo Testamento, como acontece na atribuição da enfermidade às forças demoníacas (Mt 7,18), ou na causalidade imediata pecado-doença (Mc 2,5; 1 Cor 11,30), ou na relação doença-castigo (Tg 9,3; 11).

A Bíblia fala da enfermidade em contexto mais amplo que abarca o mal em geral, as injustiças, as desgraças, o sofrimento. Mas que interessar-se por uma doença, a Bíblia interessa-se pelas interrogações e pela experiência da fé que a doença suscita. A enfermidade não pela ótica científica, mas partindo da perspectiva religiosa, de fé, de relação do doente com Deus, e a realidade afeta o homem inteiro, corpóreo-espiritual, abalando sua vida inteira.

1. *A grande pergunta sobre a enfermidade*

Para o homem bíblico iluminado pela fé, o mais importante não é a gênesis ou o diagnóstico da doença, mas sua significação última ou o porquê, qual o seu sentido último.

**Três interpretações:**

1.Explicação etiológica (estudo sobre a origem das coisas, e na medicina, o estudo das causas de cada doença). A doença não é retribuição, nem bem, nem lugar de louvar a Deus, mas castigo e mal por que é oposição ao Deus criador. De onde procede a doença? Do pecado do homem, pois se existe um castigo, deve existir uma culpa que o acusa. Respostas em Gn 1-3; Sl 34, 39, Ex 4,6; Jó 16, 2ss; Dt 28, 15.

2. Explicação jurídico-penal - raiz da doença no pecado pessoal, conexão causal entre enfermidade e pecado pessoal, que merece castigo (1 Sm 16,14; 2 Rs 5,27; 20, 1-11; Sl 32, 3-5). A leitura rabínica exagerou esta concepção, embora outros textos contradigam a rigidez desta união.

3. Explicação demonológica – a progressão da doença unida ao pecado e este com o demônio, isto é, possessões demoníacas ou as potências do mal. A concepção de saúde-enfermidade, mal-bem, são terremos de Deus e de satanás (Cf. 1 Sm 16, 14; Os 13,14; Jó 18,13).

1. *Dificuldades da conexão pecado-enfermidade*

A própria realidade das pessoas que sofriam enfermidades colocou em crise está explicação, e Israel tentou responder também com a produção de sentido às diversas dificuldades:

1. Se a doença é devido ao pecado, como se justifica a impunidade dos malvados? A impunidade é aparente e provisória, no final pagará por seu pecado (Sl 73).

2. Se a enfermidade se relaciona com pecado, por que o justo sofre?

Em Jó temos respostas aos problemas em três concepções: 1. Tradicional - os amigos de Jó que unem pecado à enfermidade; 2. Sofrimento como instrumento de prova e purificação que Deus dá ao inocente; 3. A renúncia da explicação lógica e racionalista que foca que os caminhos de Deus são diferentes dos nossos, e que exige abandono confiante no mistério de Deus.

b) Se o sofrimento é inevitável, que sentido tem uma vida em que é preciso sofrer? A resposta em duas direções:

1. O Sl 44 – somente a confiança em Deus explica o sofrer...

2. Ecl 1, 16-18; 3, 18-21 que considera o sofrimento manifestação da peremptoriedade, da vaidade e da inconsistência da vida, e só resta confiar em Deus.

1. *Novas explicações para o sentido da enfermidade sofrimento*

 O povo de Israel, baseado na fé confiança na fidelidade de Deus, amadurece novas explicações mais completas da realidade existencial.

1. Enfermidade e esperança escatológicas – Deus é bom e justo e cumprirá no futuro a sua promessa, que é a vitória escatológica sobre o mal, que virá no ”dia de Javé”, com a manifestação do Messias. A enfermidade será vencida, e haverá justiça para todos (Is 26,19; 29,18; Jr 33,6; Is 33, 5-6; 61,2).

2. Enfermidade e ressurreição – mais tardia e original, pois Deus não deixará o justo ser vencido pela enfermidade e a morte. A morte não se acabará num cheol para todos, mas na vida para os justos e no castigo para os injustos. A literatura apocalíptica sapiencial desenvolve esta visão (Dn 12, 1ss; Sb 2,5; a Mc 7,9-23).

3. Valor redentor do sofrimento - exemplo de Moisés (sua oferta de sacrifício para salvar o povo (cf. Ex 32, 30-33), retomada por Jeremias (cf. 8,18), especialmente no Dêutero-Isaías (52, 13-52, 12) pela figura do servo de Javé. É a solidariedade no bem, pois o amor, a justiça e a entrega de um é proveitoso para o outro e salvação de todos.

O sofrimento tem um valor redentor, e passa de sinal de pecado para sinal de graça, sinal de vitória sobre o pecado próprio e dos outros. É a fé-confiança em Deus que realiza essa radical mudança.

4. Sofrimento humano e mistério divino - Deus está com o sofredor, não está com quem causa o sofrimento nem com o sofrimento em si mesmo. Deus combate a dor e enfermidade (Am 5,7; IS 5, 7.23; Jr 22, 13.15). Deus não impede, nem livra do sofrimento, embora seja poderoso. Por quê? O gênero literário da ”briga com Deus“, onde o homem coloca sua causa discutindo diante de Deus, pedindo satisfação ao Senhor, explica o desconforto do homem diante do mistério de Deus. Só à luz de Cristo sofredor se ilumina esse mistério humano. Deus combate o sofrimento e a doença, não destruindo-os mas invertendo sua dinâmica destruidora. A vitória do mal passa pela mediação do próprio mal. Só assim pode ser auto-redentor ou hétero-redentor, como aparece em Cristo.

1. *Cura da doença*

O Antigo Testamento não proíbe o recurso às práticas médicas, mas devido à sua concepção de impureza, de derramar sangue, de atribuir a Deus a saúde ou a enfermidade, descuida do remédio. Há medicamentos simples (Is 1,6; Jr 8,22; Sb 7,20), e Sr elogia à profissão do médico (38, 1-8). É a Deus que deve-se recorrer pois dele depende a vida e a morte (Dt 32, 39), como o médico dos homens (Ex 15,26). Por isso os doentes se dirigem, sobretudo, a seus representantes sacerdotes (Lv 13, 49; 14,2ss; Mt 8,4), ou aos profetas (1 Rs 14, 1-13), na espera de um milagre (1Rs 17,17-24; 2 Rs 4, 18-37).

O cuidado com os doentes passa pelos meios caseiros e naturais, como as plantas ou a unção com óleo (Is 1,6; 7,20). Os diversos sentidos para o uso do óleo: 1. Para significar glória e honra, alegria e hospitalidade – unção perfumada de hóspede (Dt 27, 9; Ct 1,3; Sl 13,3; 45,8). 2. Consagração de objetos (altares...) ou pessoas (sacerdotes, profetas e reis...), por sua capacidade de perpassar, alimentos e força (1Sm 10,1, Lv 4,5; 8,12; Is 61,1); o Messias ou Ungido (Is 61, 1ss; At 10,36). 3. Óleo para cura e a purificação, aplicando-os aos doentes, aos leprosos, feridas ou enfermidades cutâneas (Ez 16,9; Lv 14,10-32; Lc 10, 34; Mt 10,10 Lc 9, 1ss). É nesse contexto que se deve entender a prática de Jesus e da sua Igreja (Mc 6,13; Tg 5).

As atitudes com os doentes implicavam além da unção as visitas e a tenção (Sl 40,4; Jó 2,11) e não abandonar os que choram e gemem (Sr 7,9ss), apesar do cuidado para se evitar os contágios pela impureza e castigo divino, que implica a exclusão (Lv 13, 14; Nm 12,10.15). Jesus se move com grande compaixão neste contexto dos enfermos e marginalizados.

**2. Enfermidade e cura no Novo Testamento.**

Entre o AT e o NT dá-se continuidade e descontinuidade, convergências e divergências. As concepções e o contexto cultural continuam, mas o advento de Cristo, o Messias, o servo de Javé que carrega nossas dores transforma radicalmente estes dados. Nos tempos plenos, se cumprirá a promessa de Deus e as doenças desaparecerão (Is 35, 5-6; 61, 1-3; Jr 33,6...). Essa é a obra que Cristo realiza e que manifesta a sua verdade do seu envio (cf. Mt 11, 3-6; Lc4, 21).

1. *Enfermidades, concepções e meios de cura: atitudes de Jesus*

O NT elenca um quadro de enfermidades: febre, doenças de pele, úlcera e gangrena, reumatismo (Lc 13,11), hemorragias (Mt 9,29), hidropsia (Lc 14,2), desinteria (At 28,8), dores do estômago (1 Tm 5,23); também manifestações “demoníacas” (Mc 9,.18.20). Desordens funcionais de diversos órgãos: coxos, cegos, mudos, eunucos, paralíticos... Diante destas doenças os meios empregados são modestos: óleo (Mc 6,13, Lc 10, 34; Tg 5,14), vinho como desinfetante (Lc 10,34), colírios para os olhos (Ap 3,18), água termais (Jo 5,2ss), saliva (Mc 7, 33; Jo 9,6), barro (Jo 9,6). A profissão médica parece pouca apreciada (Lc4, 23).

Jesus vive o seu mistério messiânico pleno do Espírito que o consagrou e o assiste em toda a sua atividade de pregador e realizador do Reino neste contexto cultural. A sua sociedade excluía os pobres e enfermos e as instituições não os amparava. Qual será sua atitude concreta?

1. Jesus vai assumir a função-missão profética: cheio do poder de Deus conferido pelo Espírito, efetivando sua virtude, curativa pela união de palavra performativa e gestos;

2. Jesus na qualidade única de Filho de Deus dá o sentido definitivo manifestado sobre a doença, rejeitando a causalidade imediata de pecado-enfermidade ou castigo-enfermidade. Também não estabelece uma conexão direta das doenças com as forças maléficas. Em Jesus e sua prática libertadora e sanadora, já se manifestam uma verdadeira resposta escatológica que antecipa a vitória definitiva e em plenitude do bem.

3. Jesus realiza ações simbólicas e cura os doentes, que são normativos para a instituição do sacramento.

4. Jesus descobre o sentido da enfermidade e da dor – o homem das dores, com sua paixão e morte, realiza a profecia da libertação de todo o mal e sofrimento numa tríplice direção: 1.) A ”jurídica”, nos resgata – o *Goel* com seu sangue – vida, adquiri para um povo para si (Mt 20,28; Mc 14, 24; 1 Pd 2,9). A “litúrgica” restitui a vida de comunhão com o homem que se separou de Deus. 3. A “nupcial” enquanto repara a as infidelidades à aliança de amor com Deus, restabelecendo a amizade e a aliança (Lc 22,19-20). Em Cristo se manifesta em plenitude este mistério do sofrimento-enfermidade, realiza-se de forma extraordinária a dimensão redentora e se cumpri a promessa da vitória de amor e de salvação para todos os homens. Como sintetiza João Paulo II na *Salvici Doloris* n. 16-19.

*b) As curas de Jesus, sinais de libertação*

As curas dos enfermos sobressaem entre os milagres de Jesus (são 25 entre os 32). Mc e Mt esquema uniforme e simples, evitando a imagem de Jesus curandeiro; Lc, sendo médico, apresenta o maior número de milagres para legitimar a missão de Jesus Cristo; João apresenta pouco relato de cura, destacando o poder de sinal, que provoca a fé para aderir a Cristo e permanecer nele e na comunidade. Como interpretar concretamente os sinais das curas?

1. São sinais messiânicos – meios privilegiados para manifestar e edificar e realizar o reino (*basiléia*). Ele é o Messias, filho do homem e Filho de Deus.

2. São sinais reais – formam um corpo coma realidade que o manifestam, não exprimem a presença do Reino mas também a realizam concretamente e eficazmente. A salvação já chegou como realidade que toca e transforma as pessoas, como sinal máximo da verdade da boa nova do Reino. São sinais performativos pois realizam o que significam.

3. São sinais públicos-interpelativos - realizam profeticamente e nas publicidades, com o fim interpelativo, de provocar os que conheciam as pessoas em seus limites e necessidades especiais, e agora de modo inegável e irrevogável, são as testemunhas do Senhor. São atos realizados em vista do bem de todos.

4. São sinais escatológicos – não só porque são juízos (*krisis*: Ex34, 29-55, 2 Cor 3, 7-18), mas são presença definitiva do Reino, e a antecipação da plenitude de salvação escatológica.

5. São sinais de salvação total - a salvação atinge não só o corpo, mas também a da alma, pois são operações que se passam para dentro da consciência, do coração, do espírito. Se a enfermidade é sinal da fragilidade do homem pecador afastado de Deus, a cura é o símbolo da vida plenamente em sua totalidade junto de Deus. São juízos de graça e de salvação (Lc 10,20) integral, corpóreo-espiritual-psíquico, o homem todo.

*c) A continuação do ministério de Jesus na Comunidade primitiva*

Os sinais do reino de Deus constituído pelas curas miraculosas não ficou confinado no passado, mas no ministério pré-pascal, o Senhor confiou aos apóstolos o poder de curar logo no primeiro envio, e culminou no mandato permanente, como testemunhas da ressurreição, cheios do Espírito Santo, segundo Mc 16, 15.17: “Ide ao mundo inteiro e proclamai o evangelho... Eis os milagres que acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão demônios, falarão novas línguas... imporão as mãos sobre os enfermos, que ficarão curados”.

A obra da Igreja tem as mesmas características de Cristo: profética continuadora da libertação de Cristo e anunciando a libertação final; histórica, assistindo e ajudando e servindo no mundo dos enfermos e dos sofredores a partir da fé em Cristo; anamnética, presencializando e atualizando a salvação e a esperança de Cristo; e deve ser pneumática, agindo na virtude e auxílio do Espírito que nos foi dado para prosseguir a obra curativa de Cristo e consolar e confortar os doentes e sofredores. A Igreja torna visível e concreta a solicitude, a compaixão de Jesus mesmo pelos que mais necessitam.

Dois modos de continuar o serviço de Cristo pela missão dos apóstolos: 1. De modo extraordinário pelas curas relatadas nos Atos dos Apóstolos; 2. De modo ordinário pelos carismas e dons de cura.

1. *O testemunho da Carta de Tiago 5, 13-16: continuação da práxis sacramental.*

**Atividade:**

Síntese do capítulo 4 da *Salvici Dolris*. Números de 14 à 18.